

Os EUA - A Política do Mundo Moderno

A URSS desapareceu, assim como área de influência. No chamado mundo socialista, a China surge como a área mais importante. Porém, "moderniza" sua economia introduzindo mecanismos de mercado. Busca uma aproximação comercial com a União Européia, o Japão e os EUA. Não há interesse de seus líderes em que qualquer temor ou tensão geopolítica interfira nos negócios de seu país com o mundo moderno capitalista. Assim, pode-se afirmar que a ameaça socialista foi-se embora. Os EUA, como a principal potência capitalista, herdaram a hegemonia militar e estratégica do mundo moderno. Será que a paz foi finalmente alcançada? Os arsenais podem ser desmontados? A harmonia entre os povos agora é uma realidade? Todas as respostas são negativas, na visão dos líderes supremos dos EUA e do mundo ocidental em geral.

O mundo sob a ótica dos EUA

Nas últimas décadas, os diversos governos dos EUA, embora representados por forças políticas diferentes, reproduzem a forma como os norte-americanos vêem e se colocam no mundo. Vejamos algumas posições, expressas por líderes como o ex-presidente republicano Richard Nixon (que governou o país durante parte da Guerra do Vietnã), o ex-secretário de Estado Robert McNamara e o presidente Bill Clinton (democrata, eleito em 1992).

Clinton e Nixon afirmam, de forma categórica: com o término da Guerra Fria surge a necessidade de um poder decidido que encaminhe o poderio dos EUA e que oriente todos os seus recursos, junto com os aliados, para a defesa de "interesses essenciais". Diz Bill Clinton: "devemos colocar nosso poderio econômico, nossos valores e, se for preciso, nosso potencial militar, a serviço desses interesses. Eliminar nossa presença militar na Europa é precipitado".

Nas palavras de Nixon, "os americanos foram negligentes na Europa é precipitado." Prosseguem ainda: sem a presença militar na Europa, os EUA não terão voz. O país ainda quer ter um papel de destaque no novo roteiro geopolítico desse continente. A preocupação das autoridades citadas é que, para elas, a Europa é um lugar muito perigoso, mais instável que o Oriente Médio. Segundo Nixon, "a mistura de grupos étnicos e a enorme quantidade de reivindicações territoriais que competem entre si em todo o continente criam infindáveis possibilidades de conflitos".

Para Nixon, a OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte – não deve se desfazer e muito menos prescindir da liderança norte-americana. A razão principal pela qual ela foi constituída ainda estaria de pé. A saber: a ameaça russa. Para ele, a Rússia continuaria sendo uma potência militar. Possui armas nucleares e um exército convencional poderoso. Considera que os russos são "orgulhosos"; poderiam não suportar as humilhações e a pobreza econômica. Acredita não haver nenhum motivo para imaginar que a Rússia se tornaria um "gatinho de estimação".

A posição dos EUA (republicanos ou democratas) sempre manifesta certa desconfiança em relação aos europeus. Estes não seriam competentes sozinhos para manter o interesse da modernização ocidental em outras partes do mundo. Para os líderes, não conseguiram esse objetivo nem mesmo na Europa, como no caso das rebeliões nos Balcãs (na Iugoslávia).

Nixon é bastante explícito: "A OTAN [...] deve olhar para além das fronteiras da Europa; hoje, como ficou provado na Guerra do Golfo, os desafios aos interesses ocidentais podem surgir ao meio mundo de distância. Se não alertarmos para o perigo que vem do mundo subdesenvolvido, a própria população americana, que perdeu o medo do comunismo, não concordará mais em pagar impostos para contribuir na sustentação da OTAN".

O ex-secretário de Estado Robert McNamara, por sua vez, defende uma proposta que corresponde ao pensamento dos órgãos geopolíticos americanos. Com uma ou outra divergência, tem o aval de líderes dos países europeus. Por outro lado, é praticamente o que Bill Clinton defende. McNamara parte do seguinte princípio: a paz e a segurança do mundo devem ser asseguradas pelos EUA, juntamente com o Grupo dos 7 grandes (o G-7), no qual, além deles, participam Inglaterra, França, Alemanha, Canadá, Itália e Japão. Segundo o ex-secretário de Estado, as condições devem ser:

- 1 – renúncia pelo G-7 do uso da força nas disputas entre si;
- 2 – renúncia de cada um dos grandes de praticar atos de força unilaterais para a solução de conflitos regionais;
- 3 – acordo no Conselho de Segurança da ONU para impor sanções econômicas ou, em último caso, ações militares – a países que protagonizem conflitos regionais que ponham em perigo a integridade territorial preexistente;
- 4 – esse sistema de segurança deve ter como líder os EUA.

Na ótica dos líderes norte-americanos, os prováveis perigos para os interesses da modernização ocidental seriam: a proliferação de armas de destruição massiva; as tensões históricas em várias regiões – península coreana, Oriente Médio e Balcãs, entre outros; os riscos de ataque terroristas e a crescente violência étnica, fundamentalista e separatista; as crescentes massas de miseráveis, famintos e toda sorte de excluídos. Caberia aos EUA, a polícia do mundo, liderar o Ocidente contra todos esses "perigos".

Mas há reações a essa expectativa americana de liderar, agora sozinhos, a manutenção dos valores e interesses da ordem moderna mundial contra os perigos já mencionados.

Um exemplo é a derrota do ex-presidente George Bush para Bill Clinton. Grande vitorioso na Guerra do Golfo, em 1991, todos os prognósticos indicavam que Bush estava virtualmente reeleito, já que tinha recuperado o “respeito” pelos EUA no mundo. Mas perdeu para Clinton, que teria se recusado a combater no Vietnã, especialmente em razão da crise econômica interna. Nem sempre os “guerreiros” vencem.

Outras reações vêm dos setores militares dos países subdesenvolvidos – aliados da ordem moderna mundial capitalista e fiéis cultores do pensamento geopolítico. Outra ameaça poderosa a essa ordem, lembrada por Nixon, Clinton e McNamara, é a sombra desesperada dos chamados bárbaros do Sul.